

Biblioteca - Unemat - PLA



00014265

BIBLIOTECA
UNEMAT 01

Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT

RG N.º 14265

Data 14 / 06 / 2010

() Compra (x) Doação () Permuta

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

VERÔNICA CONSTANTINO DOS SANTOS

***CONTOS POPULARES: ASPECTOS DA IDENTIDADE CULTURAL E
REVITALIZAÇÃO DA MEMÓRIA NACIONAL***

Monografia apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau de Especialista em
Língua Portuguesa e Literatura Brasileira sob
orientação da Professora Vanessa Fabíola S.
Faria.

Pontes e Lacerda – MT
2007

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Vanessa Fabíola S. Faria (Orientadora)
Departamento de Letras – Pontes e Lacerda

Prof^a Cleunice Maria de Andrade (Membro)
Departamento de Letras – Pontes e Lacerda

Prof^a. Ms. Maria da Penha Fornanciar Antunes (Membro)
Departamento de Letras – Pontes e Lacerda

Nota: _____

Pontes e Lacerda, ____ / ____ / 07

Agradecimentos

Agradeço a minha mãe, a companheira de todas as horas; à prof.^a Vanessa; às amigas Waldirene e Gisleine; às minhas irmãs Dilene e Darcilene.

A narrativa começa com a própria história da humanidade. Não há, não há em parte alguma, povo algum sem narrativa.
(Roland Barthes)

Na África ocidental existem os griôs, uma casta de contadores de histórias cuja missão de contar passa de pai para filho. Lá, onde a maioria das culturas é ágrafa, quando morre um velho, morre uma biblioteca. Esta tradição foi trazida ao Brasil pelos africanos e até hoje, no interior, encontramos a figura do preto velho ou preta velha (Rufino, 1993 apud GERMANO, 1999).

RESUMO

Ao pensar sobre o conto recorreremos à relação dialógica existente entre as várias culturas orais, isto é, da maneira que são revitalizadas as memórias coletivas, as quais possuem o papel de manter uma estrutura sociocultural. Neste sentido, optamos por analisar um conto da tradição oral coletado e transcrito pela pesquisadora doutoranda Marinei Almeida de Lima, o qual é parte integrante do projeto "Entre a Herança Oral e a Cultura Prosaica: O papel do narrador". O conto foi intitulado pela pesquisadora como "História nº. 02 – A Filha do Diabo". Ao socializar os ritos de passagem, o conto popular traz símbolos que cruzam identidades de diferentes culturas, sabe-se que o ato de contar nem sempre segue a mesma regra, pois os contos trazem elementos populares que reconstroem formas de pensar e de criar que o homem busca através de elementos narrativos. De acordo com os estudos de Propp in GOTLIB (1991) há trinta e uma funções que nem sempre se repetem nos contos populares, mas sua ordem não se altera.

Palavras-chave: conto maravilhoso e/ou popular, tradição cultural, ritos de passagem.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1 - PARA UM BOM COMEÇO DE CONVERSA: O CONTO POPULAR, ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	10
1.1 A tradição popular e a manutenção de uma ordem vigente.....	11
2 - ANÁLISE DA NARRATIVA “HISTÓRIA Nº. 02 – A FILHA DO DIABO”.....	15
2.1 O narrador e a sua história	15
2.2 Os elementos simbólicos no conto.....	17
2.3 O rito de passagem.....	18
2.4 A proposta de análise a partir das funções de Propp.....	21
3 - NOSSA INSERÇÃO NO TEMA (OU A REVITALIZAÇÃO DA MEMÓRIA NACIONAL POR MEIO DA RECUPERAÇÃO DAS NARRATIVAS POPULARES).....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31
ANEXO.....	32

INTRODUÇÃO

A redescoberta do passado e uma conseqüente valorização do patrimônio cultural e da história do pensamento nacional passam, necessariamente, pela revalorização da literatura popular, que inclui os contos, o folclore, os mitos, os acontecimentos históricos e as lendas, os quais parecem estar, segundo alguns estudiosos do assunto, já há certo tempo, quase que por completo, apagadas de nossas memórias comuns. Esta é, entretanto, uma questão delicada, afinal como é possível apagar algo que faz parte do inconsciente coletivo?

Acreditamos que a resposta está na perda de uma identidade nacional devido a uma percepção precária do passado histórico de um povo. Comungamos ainda da idéia de que somente com a recuperação dessas raízes é que podemos viabilizar o projeto que busque fazer com que os povos reencontrem essa identidade.

Cremos que o trabalho com os contos populares pode revelar uma grata surpresa, isso se mergulharmos na riqueza cultural traduzida por estes.

O tema desse trabalho é algo que sempre nos atraiu. A leitura de narrativas populares levou-nos a perceber certa reprodução de uma ordem vigente. De certa forma, o discurso produzido pelas narrativas não só recupera/restaura uma determinada ordem social como inicia os mais jovens nesta mesma ordem, e neste sentido, cumpre um papel socializador. O *griô* africano, o *aedo* grego ou o *bardo* da tradição celta são narradores populares que traduzem em linguagem simbólica, os

conceitos e as normas que nos orientam enquanto povo, isto é, enquanto comunidade.

Este trabalho faz, num primeiro momento, um levantamento teórico acerca dos contos populares no sentido de compreender como esses funcionam enquanto agentes reprodutores das normas; em seguida, analisa um conto popular, sob a perspectiva funcionalista de Propp, mas também tendo em vista sempre as considerações de Cascudo (1984) e Guimarães (2000). Logo após procuramos expor como este conto, em particular, se inclina às práticas de reprodução das normas de moral e boa conduta; e por fim, tecemos nossas considerações.

1 - PARA UM BOM COMEÇO DE CONVERSA: O CONTO POPULAR, ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Para caracterizar o conto popular, recorreremos a Cascudo (1984) para quem esse gênero se organiza como uma narrativa simples, fictícia, impessoal, em relação a seu personagem, e imprecisa, quanto ao tempo e local de sua ação. O conto popular mantém certa relação com o cotidiano do homem ao narrar suas lutas, anseios, sucessos, derrotas, experiências, ainda que, algumas vezes, mantenha, também, relação com o maravilhoso. É sempre iniciado por algumas fórmulas, como o "Era uma vez"... ou " Certa vez..." ou ainda, como no conto proposto para análise, "Diz que..." indicativos de que o conto popular é deslocado da dimensão temporal normal, cronológica, conforme a concebemos. Nas palavras de Pelegrini Filho (2000):

[...] tempo e espaço específicos e reais, é a 'terra de ninguém do inconsciente coletivo', no dizer de Marie-Louise Von Franz. Essa indeterminação se aplica costumeiramente a personagens: Fulano, um rei, um moço; e a lugares: o Reino das Nuvens Pretas, Terra dos Coices, um reino [...]. (PELEGRINI FILHO, 2000, p. 108)

O conto tem se apresentado como objeto de uma prática social compreendida como a primeira oportunidade de aprendizado do homem, pois viabiliza aos diferentes grupos sociais transmitir seus conhecimentos, suas histórias, suas origens de uma maneira que tanto pode parecer divertimento como pode parecer ensinamento. A prática muito comum entre diferentes grupos sociais do contar, do narrar histórias tem mantido uma determinada coesão social, uma vez que nessa

hora juntam-se os diferentes membros de determinada comunidade para ter contato com informação histórica, etnográfica, sociológica, jurídica, social, ora mantendo características do real, ora mantendo características do ficcional. A origem dos contos populares é muito discutida; uns remontam ao Egito; outros, à Índia; outros apontam ainda a Babilônia como o lugar de origem desses contos. Na verdade, alguns teóricos consideram que a origem do conto não é importante. O que importa ressaltar é que todos os povos possuem seus contos e eles refletem de algum modo, todo o imaginário desses povos ou sua memória coletiva.

Os contos populares pertencem a uma tradição originariamente oral e, por sua própria natureza, destinada a ser ouvida por um auditório que não tem domínio da leitura, ou por serem crianças ou por serem membros de sociedades não letradas. Por essa razão, a técnica de exposição é pré-determinada, ou seja, a narração deve ser simples, com seqüência lógica, evitando-se o excesso de detalhes, a fim de manter a atenção dos ouvintes pela expectativa criada em relação ao desfecho.

Sem que nos detenhamos muito profundamente na questão das origens deste ou de alguns outros contos populares é interessante observar que podemos estabelecer algumas relações entre a história que é contada no hoje, (para sempre, a depender de um narrador que a reatualize a cada ato de contar) e as realidades socioculturais do passado (longínquo ou não).

1.1 A tradição popular e a manutenção de uma ordem vigente

Os contos, em sua grande maioria, de forma clara ou não, trazem uma lição, um ensinamento, uma norma de conduta, como forma de avaliação; isto é, os contos trazem recortes das ações, dos procedimentos, das condutas morais e éticas, das culturas de determinados grupos sociais e reconstroem seus enredos pelas narrativas, de modo a expressar os valores considerados importantes para a manutenção do poder e do controle sobre o que pode ou deve ter acesso uma dada comunidade.

Para Guimarães (2000), o conto, no ato de sua enunciação, deve ser visto não apenas como um fato individual, fruto de um narrador/enunciador que decide, por si, as variações que instaura em sua narrativa, mas como uma enunciação que tenta se adequar a um interlocutor real, que varia conforme o grupo, a hierarquia ou os laços sociais ou familiares.

Dependendo do grupo ao qual um conto é narrado, seu modo de narrar é modificado; do mesmo modo, ocorrem variações dependendo do espaço físico e do tempo histórico em que a narração acontece. Essas mudanças decorrem de fatores de fatores históricos, sociais e econômicos.

No Brasil, a prática de contar histórias, ainda em nossos dias, é tradição avoenga, herdada, possivelmente, de hábitos dos negros que para cá foram trazidos no período colonial.

Os contadores de histórias faziam parte de uma casta especial que se deslocavam de tribo em tribo, cumprindo sua tarefa de divulgar as histórias que eram construídas e reconstruídas de acordo com os conhecimentos, com as experiências, com a cultura de cada grupo, isto é, as histórias tomavam como referência a memória social de cada tribo e tratavam de temas inerentes ao seu universo. Ressalta-se que essa prática não se restringiu apenas aos grupos negros

que se instalaram no Brasil, mas também, aos grupos indígenas que, conforme relata a própria História do país, também cultivavam a prática, exercida pelos seus membros mais antigos, do contar histórias que mantinham vivos seus mitos e os feitos heróicos de seus ancestrais.

Em relação aos grupos africanos, essa prática atendeu, entre outros, a objetivos claros para manter a ligação com suas origens em outro continente e, dessa forma, manter viva a esperança de regresso à pátria, bem como uma estratégia para proteger-se contra a imposição cultural a que estavam expostos.

Em relação ao grupo indígena, os motivos diferem um pouco uma vez que esses tentaram manter a cultura de seu povo viva isso como um modo de dar vida aos seus mitos.

Os contos populares que temos registrado em nossa literatura, não são somente frutos dessas duas etnias, uma vez que devemos considerar que a vasta cultura brasileira é também constituída por influências advindas dos demais povos que, por circunstâncias diversificadas, também trouxeram e deixaram traços de suas culturas. Esses traços foram sendo incorporados por nossa gente e transformados de acordo com as condições que foram produzidos.

O importante é observar que tais traços dizem respeito a juízos de valor acerca das condutas masculina e feminina, bem como o que se deve esperar das crianças, das relações patrão-empregado, pai-filho e diversas outras relações que o homem trava em sua vida em sociedade.

O estudo destes contos ultimamente tem chamado atenção de várias áreas do conhecimento humano: desde a Antropologia até a Teoria Literária. Vários autores, ao longo do tempo, se ocuparam destes estudos, entre estes as hipóteses para várias classificações dos contos populares. Uma das mais conhecidas é pelo

método Aarne -Thompson, que os divide em três grandes grupos: contos de animais, histórias¹ populares e gracejos/ anedotas. Preferimos, no entanto, adotar a classificação dada pelo folclorista Luís da Câmara Cascudo (1946) em seu *Dicionário do Folclore Brasileiro*, que é a seguinte: contos de encantamento, contos de exemplo, contos de animais, contos religiosos, contos etiológicos, contos acumulativos, contos de adivinhação, anedotas e casos.

Curiosamente, o conto que propomos analisar parece ser um pouco esquivo às categorizações, podendo ser filiado mais remotamente à categoria dos contos de encantamento, mas como veremos adiante, esta ainda seria uma categorização precária.

¹ Mantida a grafia utilizada pelo autor.

2 - ANÁLISE DA NARRATIVA “HISTÓRIA Nº. 02 – A FILHA DO DIABO”

Como dissemos esta narrativa foi transcrita pela professora doutoranda Marinei Almeida de Lima como parte integrante do projeto “Entre a Herança Oral e a Cultura Prosaica: O papel do narrador” em que apresenta a autodidata Ana Maria da Silva mais conhecida como Maria Capoeira: “moradora 34 anos na cidade de Pontes e Lacerda, mãe de nove filhos, conhecedora e guardadora das tradições locais, inclusive conservadora da festa tradicional de São João realizada há trinta anos por ela e pela família, incluindo vários rituais [...]”²

2.1 O narrador e sua história

A narrativa de Dona Maria “História nº. 02 – A filha do diabo”³ surge com a fala “Então vou começar esta história assim pra você”, estabelecendo um diálogo com o seu interlocutor, ou melhor, com os vários interlocutores. E acrescenta: “Diz que era um rei casado muitos anos [...]” ao expor o “Diz”, a narradora cria o efeito de que ela também ouviu esta história, a qual vai recontar numa relação de desnudar

² Lima, Marinei Almeida. *Entre a herança oral e a cultura prosaica: o papel do narrador*. Relatório final do projeto de pesquisa encaminhado à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da UNEMAT. 2000.

³ O título foi atribuído pela professora Marinei Almeida Lima. A versão oral do conto de Dona Maria não apresenta título.

um mundo maquinal, caótico e fantástico de um pai e de uma mãe que desejavam ter uma filha.

Cansados de esperar pelas providências divinas, o rei transgrediu as leis do bem e pediu uma filha ao diabo que a concedeu. "Rainha das Estrelas", nome que nos indica a sua superioridade entre as crianças humanas, ou em outra hipótese, nos dirige ao que fora exposto por Pelegrini Filho (2000), a indeterminação de tempo e espaço expande-se e atinge também personagens e lugares.

A partir dos sete anos a criança queria aproveitar a sua mocidade com roupas, sapatos e acessórios tudo de ouro, prata e diamante para poder ir aos bailes e pede a seu pai que transmita o pedido ao diabo.

Numa relação com o inconsciente, ou melhor, no momento do repouso, o diabo responde, através do mundo dos sonhos, que vai conceder os presentes que o pai deseja dar à filha. E assim, forma-se uma menina mimada que domina os pais com seus incessantes pedidos e ordens de morar sozinha num quarto, levantar a hora que bem entendesse sem ser incomodada.

Uma atmosfera de lugares perigosos surge quando a princesa viola as normas de convivência cristã e pede para ir a um baile no inferno e dali para frente se torna uma verdadeira desordeira dos bons costumes e da moral, pois no baile rasgava as roupas, os sapatos e tudo o mais que vestia.

Quando se deu a quantidade de seis bailes o pai da moça, estranhando as suas atitudes, anunciou que daria a mão de sua filha em casamento para quem descobrisse os segredos da menina que perdia os vestidos, os sapatos e os acessórios.

Com o anúncio apareceu Joãozinho, filho de um rei e apadrinhado por Santo Antônio, santo da Igreja Católica, mais conhecido como santo casamenteiro. O

menino, após pedir a benção de seu pai e a proteção de seu padrinho, sai em busca do segredo da princesa com uma viola, um passarinho cantador e uma garrafa de pinga.

2.2 Os elementos simbólicos no conto

Uma viola, um pássaro cantor e uma garrafa de pinga. Esses três elementos de proteção simbólica ajudaram a enganar a princesa, que se julgava muito esperta.

Interessa-nos de perto as questões simbólicas que envolvem os números: o número três, muito recorrente em contos de fadas, o qual simboliza a perfeição desde tempos imemoriais, não sendo à toa que se recorre, freqüentemente, ao auxílio da Santíssima Trindade, também uma entidade formada pelo número três, simbolizando a perfeição e a união de três num uno indivisível, três também são os elementos da natureza a compor a vestimenta e os acessórios da menina: ouro, prata e diamante.

O número sete também é muito recorrente e dá conta da imperfeição ou a esta parece associar-se é após seu sétimo ano de vida que a princesa parece adotar um modo de vida desregrado. Sete são os vestidos e toda a carga de acessórios que o pai tem que dar à moça a fim de repor o que se perdeu.

Ainda para complementar esta questão que envolve os talismãs mágicos a auxiliar-lhe na empreitada temos que considerar alguns aspectos acerca destes talismãs: a pinga é o elemento de transcendência, é o elemento que propicia a passagem para outros estados de consciência onde se pode vivenciar o mágico e

maravilhoso propiciado por aquela aventura; já a viola é um símbolo de conotação sexual: lembra o corpo feminino, além do orifício genital. O passarinho é um símbolo fálico, e, além disso, com seu canto, pode nos dar uma pista de sinalização de um momento: ao iniciar-se o canto, rompe-se com uma etapa e inicia-se outra. Isso é compreendido como o divisor de águas que parece sinalizar-nos que neste conto, mais importante do que as ações da princesa são as ações de Joãozinho.

2.3 O rito de passagem

Este não é na verdade um conto da princesa, mas um rito de passagem deste menino. Senão vejamos: ele é o caçula. Tradicionalmente, nos contos, e mesmo no imaginário coletivo, o caçula é por natureza o mais frágil dos irmãos é aquele que precisa ser testado para provar seu valor. É ele que deverá atravessar dificuldades, será provado em sua esperteza, deverá suportar algum desconforto até que se prove estar apto a uma nova fase.

Ao fingir dormir no quarto da princesa, Joãozinho a viu pegar um vidro dentro do baú com um besouro preso. Este a transportava aos bailes do inferno na garupa de um cavalo.

O rapaz mais do que esperto a acompanhou e descobriu que a princesa se encontrava com o rei do inferno e trouxe uma maloca, ou seja, uma trouxa de sapatos e roupas da princesa, rasgados pelos diabinhos do inferno, na garupa do cavalo que a trouxe de volta quando o galo branco deu o último "Cucuriocó".

No dia seguinte os mistérios da princesa foram expostos e ditos ao rei. Joãozinho disse ao rei que a sua filha era na verdade filha do diabo e que Joãozinho não desejava se casar com a "Rainha das Estrelas". A princesa foi destruída quando Joãozinho pegou o vidro com o besouro e jogou no chão. Houve um grande estouro e a princesa no mesmo instante caiu morta.

Percebemos, neste final de conto, como a humanidade é profundamente marcada por valores simbólicos, alguns mais explícitos, outros mais escondidos, isto é, nas entrelinhas de uma fala ou de um gesto. Chama-nos a atenção, neste conto, aquilo que os antropólogos chamam de ritos de iniciação ou ritos de passagem. São os ritos que determinam a passagem de uma fase da vida à outra. Basta observar a constância destes motivos nos contos: o herói ou heroína é sempre jovem, normalmente o caçula de três irmãos, enfrenta perigos inomináveis, vai à luta e vence quase sempre apoiado por um socorro de entidades benignas. Após a vitória encontra-se apto para a nova etapa da vida.

Observando estes aspectos podemos depreender daí um paralelo entre os contos populares, ou narrativas maravilhosas e os mitos expressos nos ritos de iniciação, elementos de relevância na vida de sociedades ágrafas, mas também muito presente ainda, mesmo em nossa sociedade letrada e industrial.

O que explica então a contaminação desses elementos míticos, próprios dos ritos nos contos populares? Há boas hipóteses para se contemplar a questão.

De acordo com o folclorista Pelegrini Filho (2000) é provável que em algum período da história da humanidade, por força de mudanças socioculturais, esse ou aquele rito de iniciação tenha passado por uma fase de esquecimento, ou tenha sido deixado para trás (aquilo que em nossa moderna sociedade os saudosos mais reclamam: nossas tradições estão morrendo, não se preserva nossa cultura, etc...);

daí, o mito correspondente (elemento da esfera do sagrado) pode ter-se movimentado, de certa forma, em direção ao profano, não sendo mais um tema considerado sério, grave, digno de respeito por ser sagrado, mas passível de ser contado, despreocupadamente, não sendo mais tema verdadeiro, pode ser tido como coisa de ficção, embora tenha sempre, em sua essência, guardado seus traços culturais vindos de gerações e mentalidades do passado. Trocando em miúdos, podemos dizer que a narrativa passou por um processo de desmistificação, conservando mesmo assim, as mensagens e configurações do mito do qual se originou. Faltam, contudo, elementos comprobatórios de que taxativamente seja assim que os mitos e ritos de iniciação se converteram em contos ao longo da história humana.

Ainda assim, é produtivo considerar a hipótese que aponta para uma perda progressiva de carga simbólica: as narrativas, uma vez libertas desse caráter sagrado, passaram a reatualizar o mito nos contos populares e/ou maravilhosos.

Segundo Bettelheim (1998), no plano da fantasia, o leitor/ouvinte vivencia, no nível psicológico, um rito de iniciação; principalmente se levarmos em conta os processos de identificação com os heróis. Eliade apud Pelegrini Filho (2000) considera também esta possibilidade:

Sem se dar conta e acreditando estar se divertindo ou se evadindo, o homem das sociedades modernas ainda se beneficia dessa iniciação imaginária proporcionada pelos contos. Caberia então indagar se o conto maravilhoso não se converteu muito cedo em 'duplo fácil' do mito e do rito iniciatórios, se ele não teve o papel de ritualizar as 'provas iniciatórias' no nível do imaginário e do onírico. Esse ponto de vista surpreenderá somente àqueles que consideram a iniciação um comportamento exclusivo do homem das sociedades tradicionais. Começamos hoje a compreender que o que se denomina 'iniciação' coexiste com a condição humana, que toda a existência é composta de uma série ininterrupta de 'provas', 'mortes', e 'ressurreições', sejam quais forem os termos de que serve a linguagem moderna para traduzir essas experiências (originalmente religiosas). (ELIADE apud PELEGRINI FILHO, 2000, 90)

Ainda uma outra hipótese, é a formulada por Marie Louise Von Franz, de que lendas, contos populares (cf. a autora, sagas locais) e histórias parapsicológicas trazem à tona as representações arquetípicas já existentes e que pelos contatos entre os locutores vêm a se fixar em histórias. Ainda assim, estas são apenas hipóteses.

2.4 A proposta de análise a partir das funções de Propp

O final do conto intitulado como História nº - 2 A Filha do Diabo é surpreendente, pois contraria algumas versões deste mesmo conto. Na versão narrada por Dona Maria, não há final feliz, porque não se trata de um conto de encantamento, como outras versões, destacadamente as coletadas por Câmara Cascudo. Neste caso existe uma diferença fundamental, inclusive se considerarmos a análise por seqüências: no conto de Dona Maria a seqüência inicial dá conta de uma ausência, a falta de uma filha, resolvida de modo imprudente por meio de um pacto demoníaco. Em outras versões a seqüência inicial dá conta de uma ordem rompida pelo encantamento da menina pelo demônio.

Não encontramos neste conto todas as funções elencadas por Propp, mas isto não é de todo improvável que aconteça em vários contos:

Depois de analisar 100 contos de fadas russos, Propp pôde tirar as seguintes conclusões surpreendentes. Primeiro, o número de funções conhecidas nos contos de fadas é limitado. Na verdade ele descobriu 31 funções possíveis. Além disso a seqüência de funções é sempre idêntica. *Isto não significa que todas as 31 funções ocorrem em todo conto de fadas, mas apenas que 'a*

ausência de diversas funções não altera a ordem das que permanecem'. (DUNDES,1996, p.201- grifo nosso)

De todo modo, verificamos as funções elencadas abaixo, num quadro formado com dados da sistemática de Propp:

Or.	Descrição do conteúdo	Definição	Símb.	Evento (no conto estudado)
8	Falta algo a um dos membros da família e/ou algo é desejado por alguém	Carência.	X	O rei não consegue ter uma filha, embora deseje ardentemente tê-la.
9	Sabe-se da desgraça ou da falta. Uma solicitação ou uma ordem é dirigida ao herói; este é enviado a uma viagem ou decide intervir.	Mediação, momento de enlace.	Y	O rapaz fica sabendo da proposta do rei e pensa em aceitar o desafio.
11	O herói abandona sua casa	Partida	↑	O rapaz, após conversar com o pai e visitar seu santo padroeiro, na Igreja, parte em busca do desafio.
12	O herói é posto à prova ou interrogado, ou atacado, etc., como preparação para receber a ajuda de um auxiliar mágico (Episódio importante, podendo ocorrer de variadas formas, o que obriga a determinação de signos desdobrados).	Primeira função do doador.	D	A moça lhe ordena que durma e pare de tocar seu instrumento e pare de mandar seu passaro cantar. Ele concorda e finge dormir.
14	O herói possui o meio mágico. (Com subdivisões, dada a variedade de formas de ocorrência).	Transmissão, obtenção do auxiliar mágico.	Z	De posse dos seus instrumentos mágicos, ele apela a seus auxílios.
15	O herói se traslada ou é levado ou guiado ao lugar onde se encontra o objeto que procura. (Também para esta função se prevê vários desdobramentos em virtude das formas que apresenta).	Traslado de um reino a outro.	R	O rapaz, após apelar aos seus instrumentos mágicos é levado, na garupa do cavalo, junto com a moça, sem que ninguém, nem a moça, nem as criaturas infernais percebam sua presença e pode assim, recolher as roupas que ela despe, provas de

				que esteve no inferno.
16	O herói e o antagonista lutam diretamente. (Esta função, como a X e R, também prevê desdobramentos em virtude das formas assumidas)	Luta	L	O enfrentamento é simbólico, não há uma luta de fato, mas uma oposição em que a moça se sente segura de poder fazer com que o rapaz, ao amanhecer, não tivesse descoberto nada.
18	O antagonista é vencido	Vitória	V	Ao desmascarar a moça, o rapaz atira ao chão o vidro contendo o besouro, este desaparece no ar, e a moça cai estatelada, morta, neste mesmo instante.
20	O herói regressa	Regresso	↓	Após desmascarar a moça, o rapaz decide voltar à casa paterna.
31	O herói se casa e chega ao trono.	Núpcias	W	Neste conto o herói não se casa, mas há a expectativa de: "vou morar com meus pais até chegar o dia do meu casamento, eu sou muito criança, não posso casar ainda..." e "... vai aparecer uma noiva para mim (...) com uma filha (de Deus) abençoada como eu..."

Apesar desta tentativa de classificação de acordo com as funções propostas por Propp, deparamos com um final que surpreende: o moço não se casa. Há apenas a expectativa de que virá a se casar um dia, quando lhe for destinada a "noiva abençoada por Deus", a moça é destruída, pois é uma criatura demoníaca, lembrando-nos que nem sempre o desenlace é representado pelo casamento, mas de todo modo, com um número relativamente reduzido de funções – 31 – Propp afirma também que todos os contos maravilhosos possuem uma estrutura de mesmo tipo. E a partir dos elementos de análise estudados, propõe:

Do ponto de vista morfológico, chamaremos conto a todo processo que, partindo de um dano (X) ou de uma falta (x), chega, depois de haver passado por funções intermediárias, a núpcias (N) ou a outras funções utilizadas como desenlace. Essas funções finais podem ser uma recompensa (Z), uma conquista ou a eliminação de um dano (E), conseguir escapar de uma perseguição (S), etc. Damos a esses processos o nome de movimentos. Cada novo dano, cada nova falta, cria um novo movimento. Um conto pode estar composto de vários movimentos, e a análise de um texto exige, antes de mais nada, que se determine o número deles. Dois movimentos podem imbricar-se um no outro, ou então, o primeiro interromper-se provisoriamente para dar lugar ao segundo. (PROPP apud PELEGRINI FILHO, 2000, 129)

Para finalizar, gostaríamos de chamar a atenção para alguns aspectos. Primeiramente, é possível entrever aí a função do conto como rito de iniciação, ou como o relato de uma iniciação, lograda com êxito por conta do auxílio mágico ofertado por seres benignos. Mas em seguida, percebe-se o reconhecimento, por parte do herói, que este rito, apenas o inicia na puberdade, ainda não lhe é permitido ter a mulher. Aquela que ele desejava não lhe era adequada, conforme seu padrinho Santo Antônio lhe prova, afinal, após todo o rito pelo qual é provado (e que procurou por livre e espontânea vontade, nada lhe fora imposto, à maneira de Percival, à procura do santo Graal) que a moça desejada não lhe é afeita, ele, sendo um filho de Deus 'batizado', mereceria uma moça decente, submissa, guardadora dos bons costumes. Não sendo ainda a sua vez, o rapaz reconhece: "Vou voltar para a casa de meus pais. Sou ainda muito criança [...]" Diríamos então que se trata muito provavelmente de um rito de passagem da infância para a puberdade. Neste período, o envolvimento com o outro sexo ainda não é recomendado, nem mesmo para meninos, que podem a vir a se tornar presas fáceis de mulheres 'demoníacas'. Isto é na verdade a mensagem que consideramos implícita na fala do narrador.

3 - NOSSA INSERÇÃO NO TEMA (OU A REVITALIZAÇÃO DA MEMÓRIA NACIONAL POR MEIO DA RECUPERAÇÃO DAS NARRATIVAS POPULARES)

O estudo nos possibilitou ampliar, sobremaneira, a nossa visão em torno de um tema tão amplo e complexo como o da relação dos contos populares com seu contexto sociocultural. Através de um método não cronológico e de cotejamento de textos, eles se cruzaram, se criticaram, e isso oportunizou-nos a iluminação de certos aspectos.

Pudemos também compreender como é possível se pensar a cultura popular para além de sua materialização em objetos, ou em modelos culturais. É preciso então, ao contrário disso, encontrar o popular nos modos de uso e nas apropriações feitas pelos grupos não hegemônicos.

Assim, passamos a verificar os valores/normas dos quais o texto é porta-voz. Neste conto, fica claro o critério de valor pelo qual a mulher/ moça é avaliada; isto é, o comportamento pecaminoso, o descontrole, desregramento, o desrespeito às normas de moral e boa conduta e, por conseguinte, a desobediência aos costumes da comunidade. Ou, de todo modo, também jaz latente a esse discurso a moral que prega o sucesso vindo da coragem, da esperteza e da confiança em seres benignos, como o Santo Antônio, padrinho do moço na narrativa, bem como também é perceptível o alerta para aquele que ousa desafiar as leis divinas e alia-se ao Mal para obter o que deseja. Fica clara, também, a presença da sociedade, como a memória coletiva, representada pelo homem que oferece ao herói uma filha para esposa. Ao aceitar a proposta, a menina sofre a sanção por seus pecados. É punida

por sua falta de controle sobre seus instintos, por sua vida desregrada. Mais uma vez, observa-se a premissa da submissão da mulher ao homem, fato que confirma a hipótese de que os contos populares cumprem, em boa medida, o papel de instituir e perpetuar comportamentos estabelecidos por aqueles que têm o poder de escolher, nos marcos de cognições sociais, de acordo com determinada memória social, os valores correspondentes às ideologias dos diferentes grupos sociais, a que deve ter acesso a comunidade, como forma de controlar suas condutas. A oralidade permite que o narrador do conto realce os valores éticos, morais, religiosos necessários a cada grupo social. Há, pois um caráter moralizante, capaz de estabelecer e divulgar ensinamentos que traduzem normas de conduta às comunidades locais ainda que apresentem formas modificadas.

Cascudo postula que cada conto popular é constituído por elementos justapostos, encadeados, formando o enredo, o assunto, o conteúdo. Mas, esses elementos figuram carregados de outros sentidos provenientes de outros discursos inerentes ao próprio processo discursivo da língua. Assim, o dado novo consiste exatamente no modo como se selecionam e organizam esses elementos de sorte a produzir tais sentidos. Isto é, cada enunciação remodela tais narrativas considerando o contexto de produção, impregnado-as com as cores locais, as expectativas, os objetivos, os valores, de determinado grupo social, em determinado tempo e lugar.

Desse modo, tratar da identidade cultural do brasileiro pelo prisma das representações mentais sobre a relação de dominação entre homem x diabo (bem como seus representantes) ou das dificuldades/ barreiras enfrentadas pelo menino no rito de iniciação é tarefa bastante complexa. Deve-se compreender que o modo de ser do homem, é sedimentado por uma percepção coletiva e que,

inevitavelmente, se transforma numa categoria de comportamento social muito marcante. Assim, podemos compreender a identidade do jovem exposto à iniciação como detentor de uma identidade que se torna histórica e também um referencial para práticas culturais contemporâneas.

De acordo com a compreensão que se tem desta contemporaneidade e, conseqüentemente, dos grandes avanços experimentados e representados principalmente nos grandes centros urbanos, deve-se ponderar que o mundo moderno tem propiciado, por diferentes práticas discursivas, uma revalorização do discurso medieval que propiciava ao jovem a possibilidade de ascensão e/ou entrada em um determinado círculo social, a partir de cumpridas as etapas de seu rito iniciatório, que de algum modo, em diferentes grupos, mantêm-se nos tempos atuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, os resultados obtidos permitem considerar que: há um discurso fundador de moral religiosa que permeia o conto. Essa moral religiosa está fundamentada por intertextos que se remetem a discursos reconhecíveis em diferentes momentos da história do homem, os quais vão desde a Antiguidade, passando pela Idade Média, por exemplo, e após ela, quando temos uma grande manifestação de textos caracterizados como Contos de Fadas, sabidamente construídos para adequar o comportamento dos homens à moral da época.

Tais contos estão enraizados nas histórias contadas por colonos ou escravos que aqui vieram com a colonização e deixaram matrizes que se modificaram com o tempo e com a necessidade.

Esse enraizamento nos permite verificar a permanência de alguns contos como produto da memória. Segundo Bósi (1987) não é possível tratar-se de cultura sem falar na memória.

Centro vivo da tradição, é o pressuposto de cultura no sentido de trabalho produzido acumulado e refeito através da História. Para Platão a memória é ativa [...] Ai daqueles que esquecem ! As sociedades que se esquecem do seu passado, mesmo do seu passado recente, vagarão e errarão estupidamente sem encontrar a porta de saída que é a reflexão sobre o passado. Segundo Platão, a memória é caminho para a república perfeita (BOSI, 1987, p.53).

Esse estudo possibilitou ainda estudar a identidade cultural brasileira por um outro viés, a dos contos populares, a partir da constituição, por um ponto de vista, do rito de passagem, em alguns grupos na sociedade brasileira, deixando-se entrever,

na análise de Bosi (1987) que “A cultura popular não é fetichista, ela não lida com coisas, mas com significados, e os significados estão dentro do espírito. [...] a cultura se constrói fazendo [...]” (p.47).

Em outras palavras é necessário compreender a cultura como um processo (incluindo sua dimensão discursiva), como um construto, e, portanto, passível de aquisição, que no seio das comunidades se perpetua em contínua elaboração.

Vale registrar que enquanto elaborava este trabalho, já nas etapas finais, ocorreu, lamentavelmente, a morte de Dona Maria, isso nos primeiros dias do ano corrente. E em meio ao pesar e a perplexidade divaguei diante da possibilidade de estar morrendo ali uma tradição, ou no dizer de Rufino apud Germano (1999) uma ‘biblioteca’. Os estudos aqui realizados deram-me a tranqüilidade desejada: não precisamos nos preocupar com o fator de preservação destas manifestações e de outras manifestações culturais, elas não requerem tutela, pois

[...] Ele me ensinou a não me preocupar em “conservar a cultura popular”, em si mesma, mas em conservar o povo. Entenda-se, o importante, o fundamental aqui, são os agentes culturais. Se o sistema social é democrático, se o povo vive em condições – digamos, razoáveis – de sobrevivência, ele próprio saberá gerir essas condições para que a sua cultura seja conservada. Não pela cultura em si, mas enquanto expressão de comunidade, de grupos, de indivíduos-em-grupo. Não faz sentido querer absolutizar o folclore, como tampouco é salutar absolutizar os objetos da chamada “alta cultura” (BOSI, 1987, p.44).

Assim, o prof. Bosi, ao falar de seu mestre, Xidieh, confirma o que anteriormente afirmamos: as manifestações culturais não necessitam proteção, e sim a socialização de seus produtos/ bens numa circulação amparada por uma educação e sociedade democráticas, as quais podem levar seu povo a uma condição tal de autonomia que se sintam seguros para decidir, sem a coerção da indústria cultural e o menosprezo da cultura erudita, quais elementos merecem e/ou

devem permanecer circulando naquela sociedade e ainda, quais podem circular naquela sociedade após passar por processos de reelaboração.

Esperamos ter contribuído com este trabalho para minimizar o descaso que eventualmente se apresenta ao se falar de contos populares e sua inserção no universo da cultura popular, pois cf. Bosi, não é salutar absolutizar o folclore, nem a cultura erudita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. SP: Paz e Terra, 1998.

BOSI, Alfredo. *Cultura brasileira e culturas brasileiras*. In: *Dialética da Colonização*. SP: Ed. Schwarz, 2001.

_____. *Cultura como tradição*. In: BORNHEIM, G. *O conceito de tradição*. RJ: Jorge Zahar, 1987.

CASCUDO, L. da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. RJ: Ed. América, 1946.

DUNDES, Alan. *Morfologia e estrutura do conto folclórico*. SP: Ed. Perspectiva, 1996.

GERMANO, Olga G. *Leitura e escrita de contos tradicionais*. In: *Salto para o Futuro: Ensino Fundamental/Secretaria de educação à distância*. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999.

GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do conto*. Série Princípios. SP: Ed. Ática, 1991.

GUIMARÃES, M. F. *O conto popular*. In: BRANDÃO, H. N. (org.) *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. SP: Cortez, 2000.

LIMA, Marinei Almeida. *Entre a herança oral e a cultura prosaica: o papel do narrador*. Relatório final do projeto de pesquisa encaminhado à Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da UNEMAT. 2000.

PELLEGRINI FILHO, Américo. *Literatura Folclórica*. 2. ed. SP: Ed. Manole.

ANEXO

História nº. 02 – A Filha do Diabo

Então vou começar esta história assim pra você.

Diz que era um rei casado muitos anos, tinha vontade de ter uma filha, de ter uma filha mulher, muito bonita que ele tinha vontade de ter essa filha. Aí quando foi um dia, a mulher sempre pedia.

- Oh! Deus, por que Deus não me dá uma filha.

Mas nunca que chegava essa filha, aí quando foi um dia, ele já zangou, falou

Ah! eu quero nem que for o diabo que me dê uma filha, mais eu quero ter uma filha é a coisa mais que eu quero no mundo, uma filha muito bonita, muito alegre, que gosta muito de passear, de baile, dessas coisas, eu tenho o prazer de gastar tudo essa riqueza que eu tenho só com essa filha, mas eu quero que o diabo me dê uma filha.

Quando foi um belo dia, vai a mulher aparece grávida e vem, vem, vem, vem, estava crescendo a gravidez, ele ficou muito contente que ele ia ter uma filha, era o prazer que ele tinha na filha, uma menina muito bonita. Aí ele botou um nome nela, quando ela nasceu ele falou – Minha filha vai chamar “Rainha das Estrela”. Aí, cresceu.

Quando ela apanhou de sete ano, ela já começou a querer e falou:

- Papai eu já tenho sete ano, eu tenho que aproveitar a minha mocidade, o começo da minha mocidade desde o sete ano, hoje tudo que eu pedi pro senhor, o senhor me dá?

- Dou minha filha.

Aí ela falou:

- Eu quero que o senhor me dá primeira coisa, uma corrente de diamante, um anel de diamante, um par de brinco de diamante, um vestido muito bonito com o sol e a lua e a estrela, um par de sapato do mais lindo que o mundo existir, cor de ouro, gravado tudo de diamante e de brilhante.

Falou:

- Como não, minha filha, eu vou ter dar.

Aí ele pediu:

- Assim como o diabo deu a minha filha, eu quero que ele dá tudo que eu pedir que ele dê pra ela tudo que eu pedir, pra ele dá pra minha filha.

Pediu, chamou:

- O! diabo, você deu a filha pra mim, agora eu quero que você me dê: um par de sapato de ouro gravado de diamante e de brilhante, uma corrente de diamante, um par de brinco de diamante, um jogo de anel de diamante – Foi pedindo tudo com riqueza – Que é única coisa que eu quero dá pra minha filha.

Aí, diz que ele dormiu e escutou uma voz, falando:

- Tá, amanhã cedo você olha debaixo do seu travesseiro, estará tudo que você pediu.

Ele acordou, assustado.

- Uai! Uma voz falou pra mim, pra eu olhar no travesseiro, daria tudo que eu pedi.

Quando foi cedinho, acordou e primeira coisa que ele fez foi suspender o travesseiro, estava aquele embrulho debaixo do travesseiro, que ele abriu, estava tudo que ele pediu, aí diz que ele foi, entregou pra filha dele. Aí a filha recebeu e falou:

- Tá bem meu pai, esse que eu queria, tudo que eu pedi o senhor me deu, de agora por diante vou pedi mais coisa, eu quero que o senhor nunca me domina, eu quero morar no meu quarto sozinho, e o senhor, não quero que um dia o senhor me incomoda, deixa eu dormir a hora que eu quiser, levantar a hora que eu quiser, esse é o pedido que eu vou fazer para o senhor.

- Tchau, daqui só o outro baile, o outro baile eu venho te buscar, só que não quero mais a mesma roupa, você vai pedir para o seu pai comprar outra roupa.

Aí ela ficou, entrou, tomou banho e deitou. Aí no outro dia, vai ela falou pro pai, que ela num queria mais aquelas roupas, que ela já tinha jogado tudo fora, não prestava mais e mandasse compra outra roupa pra ela, um conjunto de pura prata, aí foi de pura prata, aí o pai mandou comprar e trouxe pra ela a roupa,.

Quando foi no outro baile, ela vestiu, então que cada baile que tinha, ela comprava um par de roupa e ela foi vestida. Quando já estava nos seis bailes, daí o pai botou anúncio, que ele queria que aparecesse um rapaz que descobrisse o que que a filha dele fazia com aquelas roupas, que consumia com tudo e ele nunca achava em parte algum, não sabia onde que estava e, quem achasse casava com ela, aí ele botou um anúncio.

Aí um outro rei tinha um filho por nome Joãozinho, aí Joãozinho interessou e falou:

- Papai eu vou descobrir o que que essa menina, o que a filha do rei faz com esse sapato que ela consome tudo, com esses seis pares de sapato, seis vestidos, tudo ele já consumiu e o rei não sabe onde está, eu vou descobrir,.

Aí o pai falou:

- Vai meu filho cuidado, hein! Você vai morrer.

- Não meu, eu não morro, eu tenho fé em meu padrinho.

Ele era afilhado de Santo Antônio, aí ele saiu pra ir lá. Antes de chegar o dia do baile ele viajou, quando ele foi andando, que já tinha viajando um pouco de tempo, ele passou na porta da igreja e falou:

- Oh! meu padrinho Santo Antônio, eu vou indo por aqui, vou descobrir o que que a filha do rei faz com aquelas roupas, que acabam e o rei quer saber. Vou. Me protege?

- Protejo sim, você é o filho de Deus, você é batizado eu te protejo, você pode ir que você vai descobrir o que ela tem, eu vou te dar três coisas, vou te dar uma viola, vou te dar esse passarinho cantador e vou te dar essa garrafa de pinga. No dia que ela vê, o baile vai ser tardinha, hora que estiver aprontado, você começa beber esta pinga, logo que escurecer você começa beber pinga e tocar esta viola e cantar. O santo que falou pra ele dentro da igreja, o Santo Antônio, que era padrinho dele.

Aí, ele pegou a viola, o passarinho que ele deu pra ele e.

- Quando mais o passarinho cantar, mas você fala: - "canta meu passarinho" – e mais você toca e mais bebe a pinga, e que ela vai mandar você deitar pra dormir e ela vai sair e você não vai ver que ela vai sair, então esta viola, este passarinho, estava garrafa de pinga vai ajudar você ver o que ela tá fazendo, e você vai ver o que ela vai fazer, enquanto ela estiver fazendo aquilo., você faz de quem tá dormindo pra você escutar as palavras que ela fala, que hoje ela já vai sozinho, num vai ninguém buscar ela.

Assim ele foi. Chegou na casa do rei e falou:

- É, seu rei, eu vim aqui adivinhar o que que sua filha faz, pra mim casar com ela.

Falou:

- Está bem.

Aí o rei chamou ela e apresentou ele, e falou:

- Agora minha filha se este rapaz descobrir o que você faz com as roupas que você esta acabando, você vai casar com ele.

Sem crédito, diz que deu uma gargalhada.:

- Rá, rá, rá! meu pai está difícil pra descobrir onde é que ponho as roupa que você compra.

Com esse já era sete pares de roupa, seis ele já tinha acabado, com este era sete.

Aí ele ficou, passou o dia, comeu, bebeu e tal, aí quando escureceu, ele subiu e foi lá no quarto. Chegou lá, arrumou a caminha aí do lado, diz que aquele quarto chique, cama, tudo dela era de brilhante, tudo só de coisa bonita. Aí ele foi deitou naquela área, botou um colchãozinho velho e deitou lá, minguinho, deitadinho ali, aí quando a noite foi suspendendo, ali pra sete horas, ele começou a beber um golinho da pinga, afiar a violinha e falou:

- Canta meu passarinho cantador.

Diz que aquele passarinho desatou a cantar, e tocava aquele violinha e ela falava assim pra ele:

- Dorme fulano, o que que você está fazeno?

Estava chegando a hora do baile, quando dava as nove horas ele chegava, e ela vai pra dentro, vai pra fora, vestindo roupas, já que o pai tinha dado os últimos vestuário dela, já era o de outro, já tinha vestido de prata, de diamante, de prata, de ouro, ah! era o último vestido, era o de diamante, aí ele foi, começou a cantar e beber, cantava e tocava a viola e o passarinho cantava e ele cantava e bebia pinga e ela naquele desespero vai pra lá, vai pra cá, vem pra lá, aí chegou uma hora que ela disse:

- Mas que diabo que você não dorme.

Aí ele assustou:

- Ta eu vô dormir pra deixar você durmir.

Diz que ele fechou o olho e ficou quieto, ela foi na mala dela e pegou um vidro deste tamanho (mostra esticando o polegar e o indicador), já estava passando da hora para o cavaleiro vir, o cavaleiro estava dentro desse vidro, já tirou o vidro, destampou e falou assim:

- Me fale meu cavalo, meu cavalo de ventania quero neste momento ir onde é a minha alegria.

Aí saiu um besouro deste tamanho assim (mostrou com gesto o tamanho do besouro), quando o besouro subiu na janela ela também pegou o vidro, jogou dentro da mala e bateu a tampa da mala. Ele olhou na janela, já estava o cavalo, ele falou assim:

- Me vale meu padrinho, quero ir onde está a alegria desta moça.

Quando o cavalo fez o salto, ele prucutu na garupa dela, grudou na cintura dela e o cavalo voou com ele, e vai desceu no primeiro morro, aí desceu na escuridão. Ele grudado na cintura dela, na porta do inferno ele saltou da garupa dela e ela já encontrou o brotelo que chegou todo vestido de rei, era ao rei do inferno, que era o que vinha buscar ela pra o baile., Então ele escondeu pro lado de fora e ficou olhando.

Não demorou o inferno começou a pegar fogo, começou a sair as diabinhas, os capetinhas, um com garfo, outro com ferrão, outra coisa, e começou a orquestra e eles começaram a dançar e vai baile, e vai baile, e eles rancando aqueles, enfiava garfo, rasgava o vestido, rasgava uma coisa e foi tirando e foi jogando fora. Aí, ele viu que tava jogando por uma janela, ele arroudeou, arroudeou lá por detrás do inferno,

chegou lá estava uma montueira de roupa dela, que ela começou a dançar no inferno, aí ele falou:

- Ah! isso mesmo que eu queria, eu queria era uma prova daqui. Panhou um pouco daquelas roupas, foi tirando de cada uma das roupa que jogava um pedaço, arrumou uma maloca, socou os sapato, cada um, e juntou e arrumou. Quando ele estava arrumando a mala pra ele voltar onde ele estava, ela jogou um pé do sapato, o último sapato que ela estava calçando que era dos sete par, ela jogou e ele apanhou e falou:

- Isso mesmo que eu queria.

Enfiou dentro do sapato, já tinha pegado um pedaço das roupas que os diabinhos já tinham rasgado e botou tudo na mala e amarrou, voltou, arroteou pelo mesmo e chegou, ficou na porta, na janela do inferno, esperando ela.

Quando o galo cantou, o preto cantou, ele botou a cara na porta e falou:

- O galo preto já cantou, agora mesmo nós vamos embora, deixa o galo carijó cantar, porque na hora que galo branco cantar, nós é pra tá lá na sua casa, se não seu pai descobre o que é que você está fazeno.

Ai cantou o carijó. Quando cantou o carijó ela falou:

- Vamos embora;

Valei-me meu cavalo,

meu cavalo preto das patas de diamante,

eu quero chegar neste momento,

onde está a casa de minha amante.

E montou, quando ela montou, ele montou e segurou ela, vuck! na cacunda dele, montou e segurou nele e sumiram, sumiu naquele mundo e vai e vai, passa aqui, passa ali, passa aqui naquele mundo, aí passou na escuridão, quando acabou

de sair da escuridão, aí chegou na montanha mais alto do mundo, aí parou um pouquinho, aí ele falou:

- Vamos, vamos meu cavalo, que o galo branco está próximo de cantar. Quando ele voou da montanha, não demorou eles estavam na janela do quarto dela, ela abriu, o galo:

- Cucuriocó... – cantou

Ele pulou da garupa e deitou na cama dele, enfiou a mala debaixo da cama dele e deitou, e botou a violinha no peito e fez de quem estava dormindo.

O trem sumiu, ela apanhou o vidro, botou o besouro dentro e tampou, e foi para o banheiro, vestiu a roupa dela natural e veio e deitou pra dormir. Quando ela deitou pra dormir, ele levantou, foi lá na mala, apanhou o vidro e veio e escondeu o vidro junto com a mala de roupa dela que ele estava com ela debaixo da cama e deitou pra dormir.

Aí diz que ela dormiu, quando o dia vinha amanhecendo, quando o galo começou amenizar, ela levantou e olhou pra ele e disse:

- É seu bobo, é amanhã que você vai morrer, porque não adianta, de hoje em diante ninguém vai descobrir o que eu faço, se você não descobriu nas sete vezes, daqui pra frente ninguém vai descobrir mais.

Ele escutando, ele ficou bem quieto, fingindo que tava dormindo, aí diz que ele acordou, fez de quem acordou, espiou ela, ela deitou na cama e ficou quieto, Aí ele pegou a viola e tratratrá e cantando, aí ela falou:

- E seu besta, tonto, deita pra dormir outra vez, agora que você acordou da sua pinga, agora é tarde, tudo que tinha que passar, já se passou, você vai morrer, apronta pra você morrer amanhã.

Aí ele falou:

- Morrer porque? o rei não vai mandar me matar.

Aí ela falou:

- Só seu eu não tenho poder, só se eu não tenho poder para você morrer, mas que você vai morrer vai.

Aí ele ficou quieto, aí diz que ele falou:

- Não, eu continuo cantando e sambando, eu tenho que amanhecer cantando e sambando.

Aí diz que cantava apertava o passarinho, o passarinho cantava, a viola tocava e ele bebia a pinga, assim foi até acabar de amanhecer. Aí ela:

- Levanta seu besta, sai daí, vai embora, eu já vou tomar banho, vou sair por que você não me deixou dormir o resto da noite, a hora que era pra você está acordado, você estava dormindo, agora que você acordou quer acordar o silêncio da gente.

Aí ela saiu, quando ela saiu, ele apanhou as malas tudo, arrumou tudo e botou debaixo do braço e saiu, foi ficou sentado lá debaixo de um arvoredado quieto.

Aí está lá sentado debaixo do arvoredado, quieto, aí amanheceu o dia, não demorou o rei abriu a janela do sobrado e saiu e olhou, olhou pro lado do quarto dela e falou:

- Uai! não é essas horas que minha filha levanta, ela levantou cedo, o que que foi, será que aconteceu alguma coisa?

O rei desceu do sobrado dele e foi lá no quarto, no sobrado dela. Aí quando vinha vindo, viu ele debaixo do arvoredado, aí falou pra ele:

- Uai, João! o que foi que foi com você?

- Ah! a sua filha me esgarreou lá do seu quarto, mandou eu sumir de lá porque meu passarinho e minha viola e eu com a minha pinguinha não deixavam ela dormir, ela mandou eu vir ficar debaixo do arvoredor.

Aí ele falou assim:

- O que que essa viola faz?

- Esta viola é tocadeira e este passarinho é cantador e esta aqui é minha pinguinha de eu beber pra eu se divertir.

Aí falou:

- Então toca a viola aí, que eu quero ver.

Aí ele meteu a mão na viola e quanto mais ele batia, mais a viola tocava, apertou o passarinho, o passarinho cantava, e o rei começou a dançar, e vê aquela cantiga bonita, o rei dançano, aí ela saiu na janela e falou:

- Mas meu pai, o senhor é um bobo, dançando uma orquestra tão feia desta, porque que o senhor tá dançando a cantiga desse passarinho, no toque dessa viola desse bêbado?

Aí ele falou assim:

- Porque é bonito minha filha, é bonito a cantiga dele, a canção dele representa uma canção abençoada pela igreja de Deus, tudo que ele falou aqui é uma palavra sagrada e este passarinho vai descobrir o seu segredo.

Aí diz que ela ficou ansiosa, falou pra ele assim:

- Então eu quero que ele fale o meu segredo.

Aí parou a viola, quando ela falou, "descobre meu segredo" a viola parou de tocar, o passarinho parou de cantar. A viola sumiu, aí o Joãozinho falou pra ele:

- Olha seu rei, agora eu vou falar o que que sua filha faz aqui, faz sete anos que sua filha dança lá no inferno com o diabo, aqui está desde o primeiro vestido e o

primeiro sapatinho, -, arrasta a mala e foi debuchando, jogando os pedaços de vestido, os sapatos e os brincos, e os anel e as corrente, tudo em pedaço que o capeta acabava com eles lá no inferno e foi mostrando pro rei, falou:

- Só que eu não vou casar com sua filha, porque eu sou filho de Deus e ela é filha do diabo, eu não vou casar com ela, eu vou voltar pra minha casa, porque a minha noiva quem vai me dar é o meu padrinho que me batizou na igreja católica, onde abençoou meu espírito, eu sou filho de Deus e não sou filho do diabo e a sua filha, ela vai morar no inferno junto com o pai dela, que pai dela não é o senhor, o pai dela é o rei do demônio, quer vê?

Pegou o vidro e jogou no chão, pá, quando ele jogou o vidro no chão que estava o besouro, o besouro deu um estouro e ela caiu mortinha no chão e ele falou:

- Pois é seu rei, ele já levou, o senhor enterra matéria, que a alma dela já foi, já acompanhou o pai dela, ela está lá no inferno com o pai dela, e eu vou voltar pra minha casa com o meu pai, eu somente vim para salvar esse pecado do senhor, o senhor pediu pro diabo que queria que desse uma filha pro senhor, o senhor pediu, a filha não é do senhor, ela é filha do diabo, portanto ela foi pro diabo, e eu vou voltar pra minha casa, vou morar com meus pais até chegar o dia do meu casamento, eu sou muito criança, não posso casar ainda, o dia que chegar o dia do meu casamento vai aparecer uma noiva pra mim, por Deus e pela fé que eu tenho no meu padrinho Santo Antônio que me batizou, como filho abençoado por Deus e casado com uma filha abençoada como eu e tchau.

Saiu, foi embora pra casa dele, hoje ele está vivendo com o pai dele e ela está no inferno e o rei ficou perdido pra lá, pra onde ele pediu a filha, até o dia de hoje.